

# **CARTILHA DE ORIENTAÇÃO POLÍTICA**

*“Alegres por causa da esperança” (Rm 12,12)*

*Os cristãos e as Eleições de 2018*

*Arquidiocese de Ribeirão Preto*

## **PARTE 2 – A IGREJA E AS ELEIÇÕES**

Nosso primeiro Bispo Diocesano, Dom Alberto José Gonçalves, foi Deputado Estadual do Paraná, Deputado Federal e Senador. Diremos que isso foi no século passado. Ouve-se de bons lábios cristãos católicos, que Religião e Política não se misturam. Não obstante no século XXI e Terceiro Milênio da Era Cristã, muitos de nossos bons Cristãos Católicos ainda são da opinião de que o lugar do Padre é na Sacristia e que não deve se “meter na política”.

Antes do Concílio Ecumênico Vaticano II, havia três autoridades nas cidades de nosso imenso País, especialmente no Interior: O Vigário, o Prefeito e o Juiz, não necessariamente nessa ordem. A partir do mesmo Concílio a Igreja Católica vem incentivando seus fiéis, através do Magistério, das Conferências Episcopais, especialmente “*A Conferência Nacional dos Bispos do Brasil sempre se manifestou sobre questões políticas*”. Como Mãe e Mestra, a Igreja não tem medido esforços na formação de consciência política, consciência cidadã e consciência crítica, resgatando através do diálogo respeitoso a dignidade do povo, buscando à luz do Evangelho, o resgate do Reino de Deus, que é um reino de justiça.

É bem verdade que não devemos confundir Homilias com Discursos Políticos e muito menos sermos partidários políticos. Mas a cartilha apresentada à nossa Igreja particular de Ribeirão Preto, especialmente em sua Segunda Parte, trata da ***Igreja e as Eleições***, iniciando com a afirmação do Documento de Aparecida, n. 395: “*A Igreja se sente chamada a ser ‘advogada da justiça e defensora dos pobres diante das intoleráveis desigualdades sociais e econômicas, que clamam ao céu’. Para cumprir essa missão, a Igreja incentiva os fiéis a interagir com a política*”.

Já o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium*, n. 183 afirma que não podemos ficar indiferentes diante dos desafios que se nos impõem os Poderes Constituídos, e que “*Uma fé autêntica – que nunca é cômoda nem individualista – (passiva ou intimista, mera cumpridora de preceitos, sem que a fé seja confrontada com obras e compromisso de mudança daquilo que não vai bem) comporta sempre um desejo de mudar o mundo, transmitir valores, deixar a terra um pouco melhor depois da nossa passagem por ela*”.

São inevitáveis determinadas expressões como *poder, cargos, etc*, embora confesse tais denominações inconvenientes seja na política, como na sociedade, uma vez que qualquer detenção de poder, ou deferimento de qualquer cargo, tanto na política, e mais ainda em nossas atividades pastorais, se não for convertido em **serviço**, certamente será de dimensões desastrosas tanto para quem os detém, quanto para quem deles deveria ser beneficiado. Aqui prevalece o mandamento dado pelo próprio Cristo naquela noite em que instituiu a Eucaristia, a alma da Igreja:

*“Se eu, o Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Deixei-vos o exemplo, para que façais assim como eu fiz para vós” (Jo 13,14). “Eu vos dou um novo mandamento: amai-vos uns aos outros. Como eu vos amei, assim também vós deveis amar-vos uns aos outros. Nisto conhecerão todos que sois os meus discípulos: se vos amardes uns aos outros” (Jo 13,34-35). “Quem quiser ser grande, seja vosso servo; e quem quiser ser o primeiro, seja o escravo de todos” (Mc 10,43-44).*

Aqui nem sempre conseguimos equilíbrio entre as paixões políticas ideológicas, partidárias e a abertura aos que são, pensam, militam diferentemente de nós. Ao invés de adversários políticos, ouvimos gritos de *“inimigos”* daqui e dali. A Cartilha de Orientação Política deixa isso muito claro na página 10, principalmente quando afirma *“de que Igreja Católica louva e aprecia o trabalho de quantos se dedicam ao bem da nação e tomam sobre si o peso de tal cargo, a serviço dos homens [...]”*. Aqui vemos sublinhado de que o **Bem Comum** será sempre fundamental e referência para qualquer pessoa que se apresente para integrar o mundo da política. Política não é meio de vida, não permite que homens e mulheres defendam antes do **bem comum**, projetos de vida pessoal, partidária, corporativista, cada um cuidando tão somente de *“seu metro quadrado”*.

Esta segunda parte da Cartilha, lembra alguns trechos da mensagem vídeo do Papa Francisco aos participantes do encontro de políticos católicos em Bogotá, em dezembro de 2017. O Papa Francisco lembra a *“necessidade de reabilitar a dignidade da política”*, de que *“precisamos de políticos que, em primeiro lugar, preservem o dom da vida em todas as suas fases e manifestações”*, bem como que *“devemos nos encaminhar rumo a democracias maduras, participativas, sem as chagas da corrupção [...]”*. Já num dos pronunciamentos, o Papa no Peru, questiona: *“Por que tantos ex-presidentes da América do Sul estão sendo presos, acusados de tanta corrupção?”*

Embora exista o esforço por manter Escolas de Fé e Política, ainda são muito tímidas as adesões para essa formação. Muitíssimos dos Agentes de Pastoral, Fiéis e nem por último, Clérigos só se deparam com as questões políticas às vésperas das eleições. A Cartilha sugere que *“a formação da consciência política dos leigos não fique restrita aos períodos eleitorais. No dia a dia das comunidades cristãs se realizam palestras, fóruns com a participação de especialistas e lideranças sobre temas e realidades da vida sociopolítica, econômica, jurídica e cultural”*. Somos *“provocados”* a perguntar-nos se realmente abrimos espaço em nossas Comunidades para que um maior número de fiéis se interesse e se comprometa com questões políticas, ou se ficamos alienados, e por isso coniventes com um cenário político desolador, como é o do momento atual?

A Cartilha também faz referência à Lei contra a corrupção eleitoral e a Lei da *“FICHA LIMPA”*. *“A ‘Ficha Limpa’ se originou de um projeto de lei de iniciativa popular em que a participação ativa das comunidades católicas, na coleta de assinaturas, foi fundamental”*.

A segunda parte da Cartilha trata do *“Incentivo aos leigos e leigas na vida pública”*. Lembra que *“As eleições deste ano acontecem no contexto do Ano*

*Nacional do Laicato*”. Por meio do Documento 105 da CNBB: “*Cristãos Leigos e Leigas na Igreja e na Sociedade, A Igreja sente a necessidade de maior presença do laicato católico no âmbito político, com convicções éticas e religiosas, tornando-se referência nos espaços políticos*”. “A CNBB estimula maior participação dos leigos na política, vencendo o preconceito comum de que a política é coisa suja e supérflua; ao contrário, ela é essencial para a transformação da sociedade”.

O Papa Francisco, já no início de seu Ministério Petrino afirmou: “*Se a política está suja, é porque os cristãos católicos não se envolvem nela*” (Cf. **Papa Francisco, Sala Paulo VI – Vaticano, 07/06/2013**). Não poucas vezes, nós dificultamos ou pouco apoiamos nossos próprios agentes de pastoral a entrarem na política, embora o Documento 105 da CNBB “*impulsiona os cristãos a construir mecanismos de participação popular que contribuam com a democratização do controle social e da gestão participativa. Também incentiva e prepara os cristãos leigos e leigas a participar dos partidos políticos e ser candidatos a cargos eletivos no Executivo e Legislativo, contribuindo, desse modo, para a transformação social*” (**Cartilha, p. 14**). Seria oportuno lembrarmos a ***Instrução para os Fiéis da Arquidiocese de Ribeirão Preto sobre o momento eleitoral*** de nosso Arcebispo Metropolitano, Dom Moacir Silva, publicada no dia 20 de junho de 2016 na Cartilha Eleições 2016, página 7. A Orientação de nosso Arcebispo é precisa e objetiva quanto ao comportamento a ser adotado em relação ao apoio aos candidatos de nossa Arquidiocese. A Santa Missa não é o momento de apresentar, sugerir ou apoiar qualquer candidato. Porém, encontramos nessa Instrução, determinações claras de como abrir espaços para incentivar nossos fiéis a apresentarem suas propostas e seus projetos que nos remeta a uma política séria e renove entre os desencantados, a esperança de um País melhor.

Finalmente a Segunda Parte da Cartilha nos apresenta os desafios a uma maior participação católica na política. Lembra duas afirmações pontifícias. A do Papa Emérito Bento XVI em seu Discurso Inaugural na Conferência de Aparecida em maio de 2007: “*Convém preencher a notável ausência, no âmbito político [...] com vozes e iniciativas de chefes católicos de forte personalidade e dedicação generosa, que sejam coerentes com as suas convicções éticas e religiosas*”. Conclui com a afirmação do Papa Francisco aos políticos latino-americanos, nos dias 1-3 de dezembro de 2017: “*Como é possível que os católicos sejam bastante irrelevantes no cenário político, ou até equiparados com uma lógica mundana? Não há dúvida de que existem testemunhos de católicos exemplares no cenário político, mas nota-se a ausência de correntes fortes que abram caminho ao Evangelho na vida política das nações*”.

Concluindo, constato que nossos fiéis em número razoável ainda se sentem desmotivados para as eleições de 2018, por conta do cenário político caótico. Talvez essa seja a eleição mais atípica de todas, desde 1989. Mesmo que muitos pensem que Religião e Política não devem se entrelaçar, precisamos nos preparar para bem orientar nossas Comunidades. É preocupante que aproximadamente 40% dos Brasileiros até o momento deixem escapar que anularão seu voto, votarão em branco ou nem irão às Urnas.

Muitos confiarão as Eleições deste ano à Igreja, que ainda lhes inspira certa segurança e buscam com ela, a Igreja, novos horizontes e nova esperança. Como não somos partidários e nem convém declarar nossa aceção a partido nenhum, precisamos estar preparados e muito bem informados quanto aos candidatos que se apresentam para os diversos cargos. A Campanha Eleitoral já começou com o primeiro Debate promovido pela Rede Bandeirantes no dia 9 de agosto, que reuniu oito dos treze Candidatos à Presidência da República. Foram três horas de “farpas”, egocentrismo, demagogias, propostas, algumas delas até mesmo hilárias, mas lançadas ao ar, a fim de que mais de um milhão e quinhentos mil telespectadores comecem a formar consciência crítica sobre cada um deles. Nem sempre é prazeroso assistir aos debates, apresentação de propostas, devaneios de alguns, falta de postura e ética de outros, mas será através desses, que poderemos desenhar em nossa consciência o que nos espera nas eleições deste ano.

Só seremos capazes de orientar bem nossas Comunidades, na medida em que conhecermos as propostas dos candidatos ao Legislativo e Executivo. É possível que sintamos o desejo de uma maior renovação nas Assembleias Legislativas e no Congresso Nacional, não reelegendo Deputados Estaduais, Federais e Senadores, mas arriscando em homens e mulheres que oxigenem a velha política de caciques “embolorados”, porque colados há décadas numa dessas cadeiras, usufruindo de privilégios descabidos em detrimento dos milhões de cidadãos que acabam pagando absurdamente uma nobreza injusta, quando não imoral.

Isso só será possível na medida em que exercermos nossa cidadania, buscando o quanto possível, identificar quem são na verdade os candidatos. A civilidade não nos permite afirmar que não votaremos em ninguém. Acompanhar os debates dos presidentiáveis e conhecer bem os demais candidatos é tarefa difícil e nem sempre agradável, porém a meu ver, necessária. Além do primeiro debate na Band, teremos outros entre 17 de agosto e 4 de outubro, bem como os horários de propaganda eleitoral.

A Igreja diante das Eleições de 2018, por meio de seus Agentes de Pastoral e Líderes Religiosos, deverá orientar com fidelidade “apartidária” todos os fiéis de suas Comunidades, que talvez encontrem uma luz de esperança para um País mais justo numa palavra bem dita!

*Pe. Gilberto Kasper*